



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

LUCIANA DE FARIAS GOMES

**O PECADO NO CONTO A IGREJA DO DIABO, DE MACHADO DE
ASSIS**

JOÃO PESSOA
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

LUCIANA DE FARIAS GOMES

O PECADO NO CONTO *A IGREJA DO DIABO*, DE MACHADO DE ASSIS

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Bernardete da Nóbrega

JOÃO PESSOA
2018

O PECADO NO CONTO A IGREJA DO DIABO, DE MACHADO DE ASSIS

LUCIANA DE FARIAS GOMES

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Letras habilitação em Língua Portuguesa.

Aprovada em __/__/____

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Maria Bernardete da Nóbrega
DLCV/UFPB
(Orientadora)

Prof.^o Dr.^o Hermano de França Rodrigues
DLCV/PPGL/UFPB
(Examinador)

M.^a Janielly Santos de Vasconcelos Viana
PROLING/UFPB
(Examinadora)

Antônio Felipe Barbosa Neto
PPGL/UFPB
(Examinadora)

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade Federal da Paraíba.

Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Ficha catalográfica

G633p GOMES, Luciana de Farias.

O pecado no conto A igreja do diabo, de Machado de Assis / Luciana de Farias Gomes. - João Pessoa, 2018.
40 f.

Orientação: Maria Bernardete da Nóbrega Nóbrega.

Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Conto. 2. Pecado. 3. Texto Bíblico. 4. Machado de Assis. I. Nóbrega, Maria Bernardete da Nóbrega. II. Título.

UFPB/CCHLA

À minha querida tia, Sônia Lucena
de Farias, dedico!

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Deus poderoso criador do céu e da terra, por me agraciar com essa conquista tão importante em minha vida, enquanto ser social.

A minha mãe, Inácia de Farias Gomes, que mesmo contra a sua vontade se mudou de cidade para vir cuidar de mim, dos meus afazeres domésticos enquanto eu estudava e trabalhava, e que por várias vezes acordou de madrugada para fazer meu almoço para que eu não ficasse sem almoço após as aulas, antes de ir ao trabalho, e por ter me apoiado em todos os momentos.

Ao meu pai, Manoel Benedito Gomes, que mesmo distante me dava apoio com suas palavras de estímulo para que eu não desistisse, e me ouvia sempre que eu precisava.

Ao meu irmão, José Jerônimo de Farias Gomes, que também se mudou de cidade para vir morar comigo para me dar apoio moral, e que por várias vezes também me deu incentivo para que eu não desistisse do meu sonho, o de me formar.

A minha orientadora Maria Bernardete que se dispôs e me ajudar nesse momento que considero de fundamental importância, a conclusão da minha graduação. E também a todos os meus professores ao longo de toda a minha jornada acadêmica, o meu muito obrigada e o meu respeito.

As minhas amigas Jéssica Gabriel e Juliette Nascimento, Jéssica com seu exemplo de dedicação aos estudos, e suas palavras de fé, serviu de exemplo para eu também me dedicar, e Juliette Nascimento, por seu exemplo de fé e de força de vontade, provou ser uma guerreira diante de obstáculos que pareciam intransponíveis, mas ela com fé e graça conseguiu superar de forma incrível, isso me serviu de estímulo, e por todos os momentos que estivemos juntas durante esses anos, dentro e fora da universidade, por elas terem me incentivado desde o início do curso, e por terem me ajudado nas atividades acadêmicas, enfim, elas foram uma benção na minha vida, elas contribuíram muito nessa minha jornada acadêmica.

Ao meu esposo Gledson Soares que me deu forças para eu concluir o meu curso, com palavras de encorajamento e de carinho, e por ter estado ao meu lado nessa reta final, se fazendo presente, e sendo um exemplo de força de vontade, mostrando que não se pode deixar as circunstâncias interferirem nos nossos sonhos.

RESUMO

Esta pesquisa monográfica, intitulada *o pecado no conto a igreja do diabo (1884), de Machado de Assis*, tem como objetivo a realização de uma análise textual tomando por categoria analítica o pecado, sendo este um desvio de alvo, um desvio moral e o desvio de conduta, do ponto de vista cristão. A análise em questão se dará em três instâncias em que classificou-se como: o pecado do diabo em relação a Deus, o pecado da humanidade, no que se refere a sua atitude diante da proposta do diabo e sua nova doutrina, e por último o pecado da narrativa, sendo esta classificada como ironica e pessimista. Para o aporte teórico, nos baseamos nos autores Aquino (2001), Larrosa (2003), nos que abordam os gêneros do discurso, como Bakhtin (1997) e Marcuschi (2003 e 2008), como também autores que contempla definições extraídas do *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, de R. Laird Harris, Gleason L. Archer e Jr. Bruce K. Waltke; *A Teologia Sistemática*, de Louis Berkhof. Título do original em Inglês Systematic Theology. Em função do objeto de estudo, desenvolve-se uma pesquisa de base descritivo-interpretativista de abordagem qualitativa. Neste trabalho, procuramos mostrar como o pecado aparece como algo preexistente e que ele não está apenas no âmbito humano, mas também no âmbito espiritual. Para tanto, foi analisado o conto *a igreja do diabo, de Machado de Assis*, que faz parte do livro *Histórias sem data (1884)* apresentando diversos momentos em que podemos perceber o pecado como uma constante, ou seja, com a presença de ocorrências nas quais o texto aborda o pecado de forma explícita e implícita. Com isso vemos que Machado de Assis faz um diálogo entre o texto bíblico e seu conto.

Palavras-chave: Conto. Pecado. Texto Bíblico. Machado de Assis.

ABSTRACT

This monograph, titled *Sin in the Devil's Church*, by Machado de Assis, had as its objective the accomplishment of a textual analysis focused on sin, recurrent fact throughout the story, identifying it in three instances in which it classifies as, the sin of the devil in relation to God, the sin of humanity, and finally the sin of the narrative. For the theoretical contribution, we are based on the authors Aquino (2001), Larrosa (2003), on the discourse genres such as Bakhtin (1997) and Marcuschi (2003 and 2008), as well as authors who consider definitions drawn from the *International Dictionary of Old Testament Theology*, by R. Laird Harris, Gleason L. Archer and Jr. Bruce K. Waltke; *Systematic Theology*, by Louis Berkhof. *Systematic Theology*. Due to the object of study, a descriptive-interpretative qualitative research is developed. In this work, we try to show how sin appears as something preexisting and that it is not only in the human sphere, but also in the spiritual realm. For that purpose, the tale of the church of the devil by Machado de Assis, which is part of the book *Histories without a date* (1884), was analyzed, presenting several moments in which we can perceive sin as a constant, that is, with the presence of occurrences in the which the text addresses sin explicitly and implicitly. With this we see that Machado de Assis makes a dialogue between the biblical text and his story.

Keywords: Tale. Sin. Biblical text. Machado de Assis.

SUMÁRIO

	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
1	A SAGRADA ESCRITURA E A ESCRITURA (CON)SAGRADA DE MACHADO DE ASSIS	12
2	ENTRE DEUS E O DIABO: A CRIAÇÃO DIALÉTICA DE MACHADO DE ASSIS.....	16
3	A VENALIDADE EM A IGREJA DO DIABO: UMA LEITURA POSSÍVEL.....	20
3.1	Os pecados cometidos pelo diabo	20
3.2	O pecado da humanidade.....	27
3.3	O Pecado da narrativa.....	32
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
	REFERÊNCIAS.....	39

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho tem por objetivo a realização de uma análise textual do conto *A igreja do diabo* (1884) de Machado de Assis. A categoria escolhida para a análise é o pecado, fato recorrente ao longo do conto.

Convém salientar que a noção de pecado no conto é uma interpretação dos fatos do ponto de vista do cristianismo, uma vez que a narrativa é dada como “velho manuscrito beneditino” (ASSIS, 1884, P.1), nesses termos identificamos o pecado em três instâncias:

1) Primeira: o pecado do diabo em relação a Deus (a ousadia de ir ter com Deus, no céu, e de querer ser o próprio Deus);

2) Segunda: o pecado da humanidade por aceitar a nova doutrina de combate às outras religiões;

3) Terceira: o pecado da narrativa machadiana, sendo esta de tom cético e irônico, cético por não demonstrar em nenhum momento que se pode acreditar na solução para os erros aqui classificados como pecado, e irônica no tocante às distorções feitas ao longo do texto, em relação aos preceitos bíblicos, uma vez que o conteúdo dessa escrita é incompatível com o cristianismo e com os princípios dos seus seguidores, como por exemplo, da ordem católica dos beneditinos.

A análise é precedida de uma reflexão teórica sobre a categoria analítica, a fundamentação teórica do trabalho contempla um conjunto de definições extraídas do *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, de R. Laird Harris, Gleason L. Archer e Jr. Bruce K. Waltke¹; *A Teologia Sistemática*, de Louis Berkhof. Título do original em Inglês Systematic Theology.

¹ HARRIS, R. Laird , ARCHER JR, GLEASON L., Waltke Bruce K. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. Vida Nova, 1998.

1 A SAGRADA ESCRITURA E A ESCRITURA (CON)SAGRADA DE MACHADO DE ASSIS

Tem-se a ideia de pecado para a raça humana desde a queda de Adão e Eva no paraíso. Pecado é algo que se originou desde a criação do homem, no Éden, desde então podemos pensar o pecado como algo que está no homem ou algo que está exterior a ele?

Bem como no texto de Berkhof, não podemos esquecer de mencionar o primeiro ato de pecado na história, o pecado de Lúcifer (anjo de luz, segundo a bíblia), em que uma criatura divina se deixa levar pela natureza, identificado no texto, como a queda no mundo angélico, a natureza aqui mencionada aparece como influenciadora do pecado, através de suas influências externas ao ser divino, a saber, a cobiça, a inveja, uma vez que o seu interior era puro.

Nessa perspectiva,

A Bíblia nos ensina que, na tentativa de investigar a origem do pecado, devemos retornar à queda do homem, na descrição de Gen. 3 e fixar a atenção em algo que sucedeu no mundo angélico. Deus criou um grande número de anjos, e estes eram todos bons, quando saíram das mãos do seu Criador, Gen. 1.31. Mas ocorreu uma queda no mundo angélico, queda na qual legiões de anjos se apartaram de Deus. (BERKHOF, 1949, P. 211- 212).

É imprescindível a retomada da história do mundo angélico, pois nela a categoria do pecado se afirma irrefutavelmente, como algo preexistente e que ele não está apenas no âmbito humano, mas também no âmbito espiritual, como ocorreu com Lúcifer, anjo de luz, que por meio de sua queda se deu o primeiro pecado. O pecado se apresenta como algo externo ao homem, pois as obras divinas são perfeitas, e de acordo com as escrituras, não caberia dizer que o pecado foi criado por Deus.

Segundo as escrituras sagradas, Lúcifer era um anjo de luz, e foi tomado por um ímpeto de orgulho e soberba, ao passo de desejar ser igual ao próprio Deus, pois dizia em seu coração: “subirei aos céus e erguerei o meu trono acima das estrelas de Deus; eu me assentarei no monte da assembleia, no ponto mais elevado do monte santo. Subirei mais alto que as mais altas nuvens, serei como o altíssimo”. (IS. 14. 13-14).

Seu ímpeto o levou a destruição e o destituiu de seus atributos divinos, “a queda” afetou não apenas a Lúcifer, mas a terça parte dos anjos.

Após o pecado do mundo angélico temos o pecado na humanidade, que se concretiza em Adão, sendo este feito à imagem e semelhança de Deus e assim

sendo não traz consigo o pecado como sendo inerente à sua condição humana, o que implica dizer que, o pecado não vem de Deus, é algo externo ao homem.

O Anjo caído interfere na conduta humana, colocando no homem o desejo de se assemelhar a Deus, com a transgressão de comer do fruto proibido. E então, deu-se o pecado da humanidade, por meio de Adão.

De acordo com o *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, de R. Laird Harris, Gleason L. Archer e Jr. Bruce K. Waltke (1998, P.4551-452) temos as seguintes definições de pecado:

Pecado, castigo. Esse substantivo masculino é o ato de *hātā*, que se constitui num desvio do alvo, um desvio da obediência, uma falta de inteireza ou de aceitação perante Deus. Aparece 35 vezes no AT.

Pecado; pecador; pecado, coisa pecaminosa; pecado, oferta pelo pecado.

Esta raiz aparece cerca de 580 vezes no Antigo Testamento (AT) e é, assim a principal palavra para descrever o conceito de pecado. O sentido básico da palavra é o de errar um alvo ou um caminho.

[...]

Em Deuteronômio; 2 Rs 10.29; Sl. 103.10; Is. 38.17; Lm. 1.8; Dn.9.16), o substantivo designa ou implica um ato de desobediência a Deus. Uma vez que o hebraico não possui palavra distinta para “culpa”, algumas das palavras para “pecado” sustentam esse conceito. Este substantivo é um dos que funcionam dessa maneira.

Como vemos o pecado consiste em tudo o que vem para desviar o homem do alvo, tudo aquilo que vem como quebra de regras, de “leis”, levando o homem a desobediência. O pecado é algo que está à parte, ou seja, é como se ele não fizesse parte dos preceitos divinos, está fora, aquém.

O pecado como culpa trata-se da consciência de um ato que causa algum tipo de dano, seja este material, moral ou espiritual, a si mesmo ou a outrem.

Logo,

Pecador, pecaminoso. Este é outro substantivo masculino. *hāttā* aparece dezoito vezes no AT. Designa um pecador contumaz que é sujeito a castigos por causa de suas práticas. Numa ocorrência, 1 Reis 1.21, (“... Doutro modo sucederá que, quando o rei, meu senhor, dormir com seus pais, eu e Salomão meu filho seremos tidos por ofensores”), a palavra é secular em sua orientação e refere-se a um provável castigo. A qualidade de pecaminosidade acha-se em Números 32.14. (“... E eis que vós, uma geração de homens pecadores, vos levantastes em lugar de vossos pais, para ainda mais aumentardes o furor da ira do Senhor contra Israel.”). (Harris, 1998. P. 452)

Pecador, pecaminosa. Este substantivo feminino é usado apenas três vezes. Em Êxodo 34.7 “... que usa de beneficência com milhares; que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado; que de maneira alguma terá por inocente o culpado; que visita a iniquidade dos pais sobre os filhos e sobre os filhos dos filhos até a terceira e quarta geração”. “é ligado a ‘*āwôn* e a *pēsha*’ como ações ou atitudes perdoáveis, e também tem sentido abstrato em Isaías 5.8 “... Ai dos que puxam a iniquidade com cordas de falsidade, e o pecado como com tirantes de carros! “ (Harris, 1998. P. 452)

No que se refere ao pecado, pecaminoso, enquanto substantivo masculino trata-se do pecado que persiste, e que está sujeito a castigos por suas práticas. Já o pecado, pecaminosa, enquanto substantivo feminino é tido como ações e atitudes passíveis de perdão.

Temos duas definições de pecado, HARRIS (1998. P. 452) oferta pelo pecado, são elas: a idolatria que abrange uma conotação abstrata e outra que se refere ao pecado como condição, ou seja, o estado do indivíduo em sua desobediência a Deus. Vejamos:

Pecado, oferta pelo pecado. Outro substantivo feminino é *hātā'ā*, que aparece oito vezes e normalmente tem conotação abstrata. Em todas as ocorrências exceto em Salmos 32.6 (onde significa “oferta pelo pecado”), a palavra significa “pecado”. Em Gênesis 20.9; Êxodo 32.21, 30, 31; e 2 Reis 17.21 é modificada pelo adjetivo *gādōl* e normalmente se refere à idolatria. Em Salmos 32.1 e 109.7 designa o pecado como tal.

Pecado, oferta pelo pecado. *hattā't* é a forma substantiva mais extensamente usada no AT e ocorre quase 290 vezes. Em Gênesis 18.20 o substantivo refere-se ao pecado como condição. Em Gênesis 31.36; 50.17 é acompanhado por *pēsha'*, outro termo comum para pecado. Em Levítico e Números o substantivo aparece muitas vezes alternando os sentidos entre pecado, o meio de remover a culpa e a penalidade do pecado perante o Senhor por meio do sistema sacrificial. Em tais contextos, o substantivo é intimamente associado a *'āshām*, que é frequentemente traduzido por “oferta pela culpa”. (Harris, 1998. P. 452)

Oferta pelo pecado, pecado que se anula mediante a um sacrifício, uma doação, e ou uma ação bondosa que anula a transgressão cometida, diante do pecado.

O pecado como condição é um estado de impureza, na qual o homem vê a necessidade de utilizar algum tipo de sacrifício de acordo com a sua desobediência, oferecendo algo em troca do seu perdão.

Há uma distinção dessa forma mais extensa do sistema sacrificial, tendo em vista que durante toda a história da humanidade e na maioria dos escritos bíblicos cristalizados ela é a que mais se destaca em seu uso, pois o homem peca geralmente se arrepende e tal arrependimento o leva a oferecer algo que o possa livrar da culpa, como frisa categoricamente o dicionário de teologia do Antigo Testamento (1998, p.452), “o homem só pode lidar com o pecado por meio das ofertas sacrificiais ligadas à confissão e ao abandono do pecado com a conseqüente volta a Deus”.

O caráter formal do pecado é a quebra de regras, como ocorreu na desobediência de Adão, a partir do que foi dito por Deus diretamente, que não

deveria comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, como se afirma na Teologia Sistemática: “nada havia de ofensivo no fruto da árvore como tal, comê-lo não era pecaminoso [...], quer dizer que não seria pecaminoso, se Deus não tivesse dito: da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás” Berkof T.S (1990, p. 213). Com isso vemos que o caráter formal do pecado de Adão foi tão somente à desobediência à ordem de Deus. O pecado apresenta também o caráter essencial e o caráter material. Em que o caráter essencial se estabelece na oposição às regras, seguindo o exemplo de Adão, o caráter essencial do seu pecado foi simplesmente de que ele se colocou em oposição a Deus, recusou-se a submeter a sua vontade, à vontade de Deus. O caráter material do pecado é a prática propriamente dita, ou seja, o fazer aquilo que não lhe era permitido, por determinação divina, tomando ainda como exemplo o pecado de Adão.

O pecado no seu caráter essencial pode ter sido motivado pelo livre-arbítrio, dado por Deus e que o homem tem em sua essência a oportunidade de fazer suas próprias escolhas.

Conforme verifica-se na Suma Teológica (AQUINO, 2005, p. 1.435), “toda causa da causa é também do efeito. Ora, Deus é a causa do livre arbítrio, causa do pecado. Logo, é também a causa deste último”, isso implica em uma questão bastante intrigante, fazendo uma referência ao livre arbítrio, uma vez que Deus ao criar o livre arbítrio foi também de certo modo coautor do pecado, pois se Ele assim, o deixou escolher, o mesmo assume de certo modo a culpa pelos atos do homem ou do pecador, sendo este último o homem ou o diabo. A definição de pecado segundo dicionário Ferreira (2011) aponta que “Pecado [Lat. peccatu. 17] SM. 1. Transgressão de preceito religioso. 2. Falta, culpa”.

Dessa forma, faremos a investigação do que seria pecado, de acordo com os preceitos do cristianismo, no conto *A Igreja do Diabo*, de Machado de Assis, com base nas definições do Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento (1998); dicionário Ferreira (2011); Suma Teológica de São Tomás de Aquino² e textos bíblicos que tratam do referido tema.

² Foi escrita entre os anos de 1265 a 1273.

2 ENTRE DEUS E O DIABO: A CRIAÇÃO DIALÉTICA DE MACHADO DE ASSIS

Partindo do primeiro significado de literatura³, “arte de compor ou escrever trabalhos artísticos em prosa ou verso”, podemos observar que a Literatura pode ser concebida como arte da palavra e investigada a partir da sua produção de trabalhos e práticas artísticas, pois traz conhecimento e cultura, além de retomar contato com experiências do ser humano ao longo do tempo, vem trazendo expressões de um determinado contexto, de um povo evidenciando autores, obras, características. A literatura em sua essência coloca-se como uma arte expressiva, pois através dela pode-se expressar ideias, sentimentos e despertar as mais variadas reflexões sobre fatos da vida real, ou por meio de infinitas possibilidades do universo fantástico. Ela vem com algo que o autor quer mostrar ou passar para o leitor através da obra, fazendo que o leitor use a interpretação e a imaginação.

A literatura revela a cultura que está em diversas partes, e também traz consigo a demonstração de conhecimentos, e por muitas vezes textos literários trazem grandes obras, que fazem com que a literatura seja entendida como uma arte que se constrói outros universos com palavras. A literatura é capaz de transcender sobre o existente, o visível, a literatura tem o poder de nos fazer “flutuar”, em universos paralelos e nos leva a lugares nunca antes vistos e nos faz sentir sensações indescritíveis.

Segundo Jorge Larrosa:

A literatura que tem o poder de mudar não é aquela que se dirige diretamente ao leitor, dizendo-lhe como ele tem de ver o mundo e o que deverá fazer, não é aquela que lhe oferece uma imagem do mundo nem a que lhe dita como deve interpretar-se a si mesmo às suas próprias ações; mas, tampouco, é a que renuncia ao mundo e à vida dos homens e se dobra sobre si mesma. A função da literatura consiste em violentar e questionar [...] as convenções que nos dão o mundo como algo a ser pensado e a ser dito, como algo evidente, como algo que se nos impõe sem reflexões. (LARROSA, 2003, p. 126)

Partindo deste pensamento, a literatura tem o poder de mudar, mas não ditando como essa mudança deve ocorrer, e sim, estimulando o leitor a criar novas perspectivas em relação ao mundo que o cerca. Ela vai além do que nos é revelado, é o ato de questionar e ser questionado, e tem o poder de estimular no leitor um olhar crítico e analítico.

Tal arte, não é algo criado do acaso, é algo que se cria a partir da imaginação do autor mas que por sua vez, pode não ter uma construção única e exclusivamente da sua experiência de vida, mas está relacionada à capacidade de

³ Definição retirada do Dicionário Ferreira (2011). Acesso em: 6 de setembro de 2018.

imaginação e interpretação do autor. A arte de literária não se limita ao texto escrito, ela abrange vários aspectos, encontramos literatura além da escrita, como por exemplo, no cinema, nas artes plásticas e em diversos âmbitos da cultura, como também os gêneros textuais podem ser compreendidos e aplicados nas relações dos seres enquanto parte de um contexto social.

A discussão sobre gêneros, segundo Marcuschi (2008), está na moda e é cada vez mais frequente, inclusive multidisciplinarmente, e parte da utilização da língua no dia a dia em diversas formas. Na verdade, os gêneros textuais são importantes na interação sociocomunicativa, e começaram a se afirmar no ensino da língua, abordando a produção e a interpretação de textos, pois ajudam na participação social do indivíduo.

Logo,

A análise de gêneros engloba uma análise do texto e do discurso e uma descrição da língua e visão da sociedade, e ainda tenta responder a questões de natureza sociocultural no uso da língua de maneira geral. O trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas. (MARCUSCHI, 2008, p. 149)

Desse modo, os gêneros são artefatos culturais que buscam se adequar a alguma função que o mesmo deva exercer. Cada gênero do discurso tem um propósito bastante claro que o determina e lhe dá uma esfera de circulação.

Segundo Bakhtin (1997, p. 280),

Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.

Partindo deste pensamento, o gênero não é caracterizado somente por sua forma de composição estática e definida, mas também por certa flexibilidade dada pelas condições sociais da enunciação. Além disso, segundo o autor, o gênero se caracteriza por seu conteúdo temático e por seu estilo verbal, utilizando-se, para isso, dos recursos da língua, que podem ser lexicais, fraseológicos e gramaticais, construindo, assim, sua estrutura composicional. Na constituição do gênero, as escolhas partem da interação entre os falantes, em que há diversas possibilidades de comunicação.

Nos estudos do gênero é fundamental o entendimento da diferença entre o que vem a ser gênero do discurso, tipo textual e domínio discursivo. Marcuschi (2008) considera de extrema importância a distinção entre tipo textual e gênero e domínio discursivo, segundo ele, “usamos a expressão tipo textual para designar uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas).

A respeito do conceito de tipo textual, Marcuschi (2008) ainda faz a seguinte colocação:

Tipo textual designa uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas} [...] Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. (MARCUSCHI, 2008, p. 154)

O autor resume os três aspectos da seguinte maneira: (1) tipo textual, traz as sequências linguísticas como norteadoras da escrita; (2) os gêneros, “são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composição funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas” (MARCUSCHI, 2008, p. 155), ou seja, o gênero do discurso traz os critérios de padrões comunicativos, ações e inserção sócio-histórica, como exemplo o autor traz o seguinte: “ Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária [...]” (p.155); e (3) o domínio discursivo que, para o autor, são formações históricas e sociais que formam o discurso, constitui muito mais uma “esfera da atividade humana” no sentido bakhtiniano do termo do que um princípio de classificação de textos e indica instâncias discursivas, por exemplo: discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso, etc.

Neste sentido, trazemos o conto *A Igreja do Diabo*, de Machado de Assis que faz parte do livro *Histórias sem data* (1884), cuja análise textual é o pecado, fato recorrente ao longo do conto. Este livro integra uma obra contista bem maior: *Contos Fluminenses* (1870), *Histórias da meia noite* (1873), *Papéis avulsos* (1882), *Histórias sem data* (1884), *Várias histórias* (1896), *Páginas recolhidas* (1899), *Relíquias de casa velha* (1906). História sem data contém dezoito contos: “A Igreja do diabo”, “O lapso”, “Último capítulo”, “Cantiga de esponsais”, “Singular ocorrência”, “Galeria

póstuma”, “Capítulo dos chapéus”, “Conto alexandrino”, “Rimas de Sapucaia!”, “Uma senhora”, “Anedota pecuniária”, “Fulano”, “A segunda vida”, “Noite de almirante”, “Manuscrito de um sacristão”, “Ex cathedra”, “A senhora do Galvão”, “As academias de Sião”.

3 A VENALIDADE EM A IGREJA DO DIABO: UMA LEITURA POSSÍVEL

3.1 Os pecados cometidos pelo diabo

O conto *A Igreja do Diabo* vai apresentar diversos momentos em que classificamos como atos aqui denominados de pecado, mas que podem ser atos que nos levarão a uma abordagem sobre desvio de conduta e ou uma relação de desobediência por parte do diabo, com a presença de várias ocorrências nas quais o texto aborda a categoria analítica escolhida como objeto de estudo, o pecado.

São estas as ocorrências, ou os tipos de pecados percebidos inicialmente: o pecado do diabo, primeiro o de invejar a Deus, e por isso decide fundar uma igreja própria, (com o intuito “de combater as demais religiões, e destruí-las de uma vez”), o que vai dar nome ao conto, o outro ato de pecado seria o fato d’ele, o diabo, ousar ir até o céu, uma vez que, de acordo com a bíblia ele foi expulso por Deus, segundo o texto bíblico de Isaías (14.12-14)

¹²Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filho da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações! ¹³Tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono e no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do Norte; ¹⁴subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo.

Como consta na citação acima o texto bíblico dá respaldo para que possamos afirmar que o conto *A Igreja do Diabo* tem base bíblica (porém, trata-se de uma ficção), por explicitar inicialmente algo que ocorre no texto bíblico do profeta Isaías, que confirma o pecado da inveja do diabo em relação a Deus, e por isso ele é expulso, (verso 12), em seguida o texto bíblico nos mostra a intenção do coração do diabo de querer ser igual a Deus, (verso 13-14). Portanto o texto bíblico dialoga convergentemente com o conto em questão, isso é notório. Com isso vemos que Machado de Assis faz um frequente diálogo, entre o texto bíblico e algumas de suas produções textuais, e o com a narrativa de *A Igreja do Diabo* não é diferente. De acordo com os planos do diabo no texto, ele – o diabo - deseja ter a mesma adoração que a de Deus a exemplo do trecho a seguir:

Terei a minha missa, com vinho e pão à farta, as minhas prédicas, bulas, novenas e todo o demais aparelho eclesiástico. O meu credo será o núcleo universal dos espíritos, a minha igreja uma tenda de Abraão. (ASSIS, 1884. P. 3)

O diabo, no texto em estudo, com isso esperava ter em seus seguidores uma “adoração” única, ao passo que os seus seguidores estariam ali, em sua igreja, para esse único e exclusivo fim, o de adorá-lo e o servir única e exclusivamente. O que de acordo com os preceitos bíblicos o único digno de todo o louvor e adoração devem ser o Cordeiro de Deus, Jesus Cristo, conforme se verifica no versículo a seguir: [...] “Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor”, desta forma já se configura o pecado de querer ter o mesmo direito do filho de Deus. (Apocalipse, 5.12),

Em seguida, o diabo, afirma que não haveria diante dele nem Maomé⁴ nem Lutero⁵, fazendo referência a dois nomes que constituem duas linhas de pensamentos religiosos de grande significação religiosa, além de citar os dois grandes líderes religiosos. Consta no texto machadiano, *A Igreja do Diabo*, a seguinte frase: “Há muitos modos de afirmar; há só um de negar tudo”, (ASSIS, 1884, P.3) essa frase nos chama a atenção no sentido de que o diabo demonstra a sua intenção de negar a todas as religiões vigentes e com isso poderia angariar mais seguidores, partindo do pressuposto que “o negar” aqui seria muito mais “fácil” de seguir.

Após sua ideia de fundar uma igreja o diabo vai até Deus para desafiá-lo, um ato consideravelmente ousado por parte de um ser que foi expulso do céu, logo, não poderia adentrar ao céu como bem entendesse, e mesmo assim o fez. Agora é “entre Deus e o Diabo”, de acordo com o segundo capítulo, “Deus recolhia um ancião, quando o diabo chegou ao céu [...]”. (ASSIS, 1884, P. 4)

E chegando ao céu o diabo encontra Deus recolhendo um ancião chamado Fausto, fazendo referência ao personagem Fausto, o sábio alemão que vende sua alma ao demônio Mafistófeles em troca de conhecimento e poder, não foi criação de Christopher Marlowe. “É uma lenda popular cuja autoria se perde no tempo”. Conforme afirma Heise (2001), “O Fausto de Goethe (1989) é a versão mais conhecida do mito, o que torna o pacto com o Diabo uma temática universal. Impressiona-nos as semelhanças existentes entre Fausto e o Livro de Jó: o Senhor dialogando com Mefistófeles, permitindo que ele tente Fausto. Já no famoso Prólogo no Céu, Mefistófeles informa que pretende atormentar e seduzir os homens, que tem pena da humanidade que está sempre a sofrer. É irônico e

⁴ Maomé que fundou o Islamismo.

⁵ Lutero deu início à Reforma Protestante.

debochado ao afirmar que ver de perto o Eterno é motivo de orgulho para um simples Diabo. O ente incriado se auto define: “Eu sou aquele gênio que nega e que destrói! [...] Sou parcela do caos, onde nasceu a luz”. (GOETHE, 2002, P. 59, APUD, FERRAZ, 2010, P. 12). Mefistófeles percorreu toda a alta literatura, do século XVI em diante.

O diabo afirma que não vai até Deus pelo Fausto ao qual o mesmo está recolhendo conforme citação: “Não venho pelo vosso servo Fausto, respondeu o Diabo rindo, mas por todos os Faustos do século e dos séculos”. (ASSIS, 1884, P. 4).

O diabo diz que foi dizer a sua ideia com o intuito de ser leal, conforme veremos a seguir: “É tempo de obter a vitória final e completa. E então vim dizer-vos isto, com lealdade, para que me não acuseis de dissimulação... Boa ideia, não vos parece?” (ASSIS, 1884, p. 4)

A sua atitude é de deboche, ironia, e não de lealdade, ele escarnece o ser divino, com sua atitude de não querer ser acusado de dissimulação, uma vez que a sua real intenção é de afrontá-lo, de menosprezá-lo, de tratar com desdém o Senhor dos senhores, uma vez que o diabo não aceitava obedecer a esse Deus, e por isso não fazia a menor questão de lhe ser realmente leal, o seu desejo real era o de obter mais seguidores que o próprio Deus.

A ironia por sua vez, é recorrente, nos textos machadianos, e no conto a Igreja do diabo não é diferente. A ironia também pode estar relacionada na afirmação do diabo quando ele diz que veio até Deus com lealdade, quando na verdade diabo não é detentor de tal virtude. Em outro momento o diabo inferioriza Deus, dizendo que Deus é um mestre vencido.

“— Tendes razão, acudiu o Diabo; mas o amor-próprio gosta de ouvir o aplauso dos mestres. Verdade é que neste caso seria o aplauso de um mestre vencido, e uma tal exigência... Senhor, desço à terra; vou lançar a minha pedra fundamental. (ASSIS, 1884. P. 4)

O diabo, no texto, se coloca, por apenas um instante em uma posição inferior quando afirma que gostaria de ouvir o aplauso do mestre, colocando Deus na posição de mestre, ele se mostra cortês a esse mestre, porém em seguida ele coloca a superioridade de Deus abaixo, ao afirmar que Deus é um mestre vencido. Portanto, o diabo em mais uma de suas demonstrações de vaidade egocêntrica, se mostra determinado a cumprir o seu objetivo, de fundar a sua igreja.

O diabo chega até o céu, mas fica à entrada e dialoga com Deus, “Os serafins que engrinaldavam o recém-chegado, detiveram-no logo, e o Diabo deixou-se estar à

entrada com os olhos no Senhor. (ASSIS,1884, p. 4).

Logo, verifica-se que o diabo não tinha permissão de entrar no céu, e por isso os anjos o “barraram”, colocando-o em uma posição de submissão, em relação a Deus, pois o mesmo não poderia ultrapassar os limites do céu, devendo ficar fora daquele espaço, tido como restrito e de acesso exclusivo para os que eram convidados, o que não era o caso do ser caído.

Por conseguinte, complementa Assis (1884)

O Diabo sorriu com certo ar de escárnio e triunfo. Tinha alguma ideia cruel no espírito, algum reparo picante no alforje de memória, qualquer coisa que, nesse breve instante da eternidade, o fazia crer superior ao próprio Deus. Mas recolheu o riso, e disse. (ASSIS, 1884, P.5)

Partindo deste fragmento, o diabo sorriu uma atitude também considerada de desrespeito para com a pessoa de Deus, pois ele, o diabo, no conto, ri com escárnio e triunfo ou deboche, como também se propôs ao riso, de modo a escarnecer de Deus, e o texto fala do riso como uma forma de triunfo do diabo, e que tinha uma ideia cruel reforçando a prerrogativa de que o riso era algo negativo. Ao confrontarmos essa citação com outra também falando sobre o riso presente em um trecho do livro *O Nome da Rosa* de Humberto Eco o qual se reporta ao livro da seguinte forma: “... não se conteve em comentar Jorge em voz baixa, “Giovanni Boccadoro disse que Cristo nunca riu.” (ECO 1983, p. 118)

Desse modo, Jorge de Burgos, personagem do livro *O Nome da Rosa*, tenta recriminar o riso, de modo que o mesmo poderia ser anticristão, uma vez que o mesmo fala que Cristo nunca riu, mencionando as palavras de Giovanni Boccadoro. Porém, Guilherme de Baskerville, também personagem de *O Nome da Rosa* (ECO, 1983, p.118), se opõe ao comentário de Jorge com a seguinte citação: “Nada em sua natureza humana o impedia”, observou Guilherme, “porque o riso, como dizem os teólogos, é próprio do homem.” (ECO, 1983, P. 118).

De acordo com o comentário de Guilherme de Baskerville, personagem do livro *O Nome da Rosa* (ECO, 1983, p. 118), o riso é tido como algo inerente do ser humano o que nos permite constatar, a partir da comparação ao conto de Machado de Assis, em que o diabo além de se assemelhar as atitudes do próprio Deus, ele também vai ter essa atitude do riso, de modo a tratar o riso como um ato de afronta e de deboche para com o ser divino, o riso de escárnio, o riso como a forma mais sutil de menosprezo para com o outro. E ainda pode-se incutir algo a mais nesse ato momentâneo de riso, por parte do diabo, ao fato de que se trata de um riso sem precedentes, uma vez que o diabo sorri, mas numa perspectiva de atitude humana, porém de forma involuntária, ou seja, ele não quis ser semelhante ao homem, pois tal atitude não teria nenhuma vantagem ou nenhum mérito.

O que parece ser algo sem maiores prerrogativas, pode ser reconhecido como uma forma de pecado, no que se refere ao riso, no livro *O Nome da Rosa* (ECO, 1983, p. 119) há uma passagem em que o riso é “condenado”, por parte dos monges, ou seja, o riso não era permitido naquele ambiente, conforme a seguinte citação “O que demonstra que o riso é coisa muito próxima da morte e da corrupção do corpo”, logo, conclui-se que os monges condenavam o riso, pois no texto de Humberto Eco, temos no ato do riso algo que aproximava o praticante do riso ao que era diabólico, rir demonstrava uma certa fraqueza, de modo a de se deixar envolver por ele sem controle, sem temores, o riso era algo prejudicial a obediência e a submissão, o que pode ser considerada uma atitude que vai de encontro aos preceitos religiosos.

Em outra recorrência de pecado do diabo, este faz o papel de acusador, o que constatado na bíblia:

E ouvi uma grande voz no céu, que dizia: Agora é chegada a salvação, e a força, e o reino do nosso Deus, e o poder do seu Cristo; porque já o acusador de nossos irmãos é derrubado, o qual diante do nosso Deus os acusava de dia e de noite. (APOCALIPSE 12:10)

O diabo é o acusador, assim como no texto bíblico, o diabo no conto machadiano tem esse papel, e ao fazer isso comete outro pecado, o de julgar, o que de acordo com os preceitos bíblicos, não devemos julgar, como está escrito em (Mateus 7:1), “não julgueis para que não seja julgados”, o julgamento do diabo é feito por meio de denúncias do erro do homem, apontando assim, as fraquezas humanas, e com isso ele busca chamar a atenção de Deus para si.

O diabo vai exercer o seu papel de acusador, e vai denuncia os discípulos, apontando suas atitudes inconstantes, ou seja, que ora buscam a Deus, ora fazem coisas que vão de encontro com o que Deus determina, no livro santo, a bíblia, quando por exemplo leem a bíblia e depois pecam. Logo,

— Olhai bem. Muitos corpos que ajoelham aos vossos pés, nos templos do mundo, trazem as anquinhas da sala e da rua, os rostos tingem-se do mesmo pó, os lenços cheiram aos mesmos cheiros, as pupilas centelham de curiosidade e devoção entre o livro santo e o bigode do pecado. (ASSIS, 1884, P. 5).

Deste modo, o diabo aponta as falhas do homem, denunciando a condição de pecador deste, enquanto aquele consolida-se como um acusador sem nenhum escrúpulo, a denúncia refere-se ao fato dos “corpos” não conseguirem se manterem em uma posição de decisão única e exclusiva, assim sendo não são capazes de

cumprir exatamente o que lhe é determinado, colocando assim o homem na condição de constante pecador e falho, e de certo modo, com isso ele estaria comprovando que o homem é inconstante em suas atitudes. Atribuição acrescentada ao diabo, conforme consta na Suma Teológica de São Tomás de (Aquino 1265-1273).

O primeiro discute-se assim. — Parece que o diabo é causa direta de o homem pecar. 1. — Pois, o pecado consiste diretamente num afeto. Ora, Agostinho diz que o diabo inspira afetos malignos aos de sua sociedade. E Beda: o diabo arrasta a alma para o afeto maligno. E Isidoro: o diabo enche o coração dos homens de concupiscências ocultas. Logo, é causa direta do pecado. (AQUINO, 2001, P. 1441)

Portanto, se a causa direta do pecado do homem, temos então mais uma imputação sobre o diabo no conto machadiano, pois o mesmo aponta os deslizos, mas pode ser ele o incitador direto na efetiva atuação do ato, o de pecar. Em seguida no trecho abaixo Deus, no conto, vai constatar que realmente o ser humano está fadado às contradições, ao passo que isso deixa de ser algo novo, é algo já sabido por todos, conforme verifica-se: “Tudo o que dizes ou digas está dito e redito pelos moralistas do mundo. É assunto gasto; e se não tens força, nem originalidade para renovar um assunto gasto, melhor é que te cales e te retires. (ASSIS, 1884, p.5).

É possível observar na constatação acima, feita por Deus, de um reconhecimento por parte do mesmo em relação à essas atitudes atribuídas ao homem, como se isso não fosse para ele nenhuma novidade, o que nos leva a crer na possibilidade de Deus já saber, que mesmo o diabo, no seu papel de acusador, na intenção de confrontar Deus de forma direta, e de fazer com que os fieis negassem o que lhe era “imposto” pelos preceitos cristãos, isso era algo iminente e culminaria em um ato de pecado por parte destes, em detrimento à obediência, embora a doutrina do diabo fosse principalmente a de negar as demais religiões e também de negar a Deus, os discípulos se desviariam de qualquer forma, por se tratar de algo inerente a sua atitude de descumprir regras.

No texto de machadiano, uma inferência retoma o texto bíblico no que diz respeito a história de Jó, quando no texto Deus questiona o diabo sobre o ancião, chamado Fausto. dizendo: “... e sabes tu o que ele fez? ”, (ASSIS, 1884, p.5). Em consonância com o texto bíblico, no qual Deus questiona satanás: “E disse o Senhor a Satanás: Observaste tu a meu servo Jó? Porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem íntegro e reto, temente a Deus, e que se desvia do mal”. (JÓ 1:8)

Neste sentido, em Assis (1884, p.6), “Fausto”, deu sua tábua de salvação para um casal de noivos, após um naufrágio, e no texto bíblico, (JÓ. 1.1) “1 Na terra de Uz vivia um homem chamado Jó. Era homem íntegro e justo; temia a Deus e evitava fazer o mal”. Jó é narrado como um homem reto, íntegro, temente a Deus e que se desviava do mal. Em ambos os textos os homens são bons, e no caso do ancião machadiano ele faz o bem sem ninguém por perto, demonstrando assim uma certa despreensão, ou seja, ele fez uma boa ação sem esperar nada em troca, o fez por ser algo de sua natureza bondosa, já que não havia “...nenhum público...” e com isso Deus pergunta ao diabo: “Onde achas aí a franja de algodão?”, (ASSIS, 1884. P. 6). A franja de algodão representa uma virtude negativa, que levaria a uma possibilidade de vantagem indevida caso fosse confirmada, porém no texto isso não se confirma, uma vez que a sua atitude não demonstra esperar nenhuma recompensa por parte da humanidade, deixando em aberto se há uma possível espera de recompensa divina. Em se tratando do “Fausto” machadiano, não acontece recompensas, no plano terreno.

O diabo por sua vez, coloca-se na condição de um provocador de dúvidas, e confronta as demais religiões, deixando no ar uma certa desconfiança na real boa-intenção do ancião. No que se refere ao pecado do diabo não podemos deixar de registrar o quanto a figura é tida como o principiante do pecado a partir da sua queda no mundo angélico em seguida o diabo é materializado em um a serpente conforme cita o seguinte trecho: “E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele. (APOCALIPSE 12:9)

O diabo é o culpado pela existência do pecado, de acordo com os preceitos cristãos, desde o princípio, desde sua queda até sua materialização como serpente conforme a teologia sistemática: “o que fica claro é que o pecado foi originado por Satanás”. “Ele pecou antes de Adão e Eva quando se apresentou como na forma de uma serpente para tentar Eva”. (CABRAL, 2008, P. 312).

A partir de então, o diabo passa o pecado para Adão e Eva, de modo que através destes o pecado se alastra pela humanidade.

Ainda sobre os pecados cometidos pelo diabo,

[...] Está claro que combateu o perdão das injúrias e outras máximas de brandura e cordialidade. Não proibiu formalmente a calúnia gratuita, mas induziu a exercê-la mediante retribuição, ou pecuniária, ou de outra espécie; nos casos, porém, em que ela fosse uma expansão imperiosa da força imaginativa, e nada mais, proibia receber nenhum salário, pois equivalia a fazer pagar a transpiração. (ASSIS, 1884, P.8)

Para concluirmos a respeito dos pecados cometidos pelo diabo, no conto, não podemos deixar de ressaltar que ele, o diabo, negava e combatia tudo na intenção de opor-se ao que era ensinado por Deus, nos textos bíblicos, em seus ensinamentos ele combatia o perdão das injúrias, fazendo com que um dos principais ensinamentos, o do perdão não fosse praticado, bem como a brandura e a cordialidade que são de grande importância para os cristãos, uma vez que a bíblia prega a mansidão e a temperança, sendo estes denominados de frutos do Espírito, em consonância com Gálatas, (5.22), "Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, e temperança. Contra estas coisas não há lei".

3.2 O pecado da humanidade

De acordo com o dicionário de teologia do AT, o pecado da humanidade é considerado o "pecado castigo", assim definido: "o pecado castigo se constitui num desvio de alvo, um desvio de obediência, uma falta de inteireza ou de aceitação perante Deus." O homem desvia-se do seu alvo constantemente, ora está praticando o bem, ora não. E com isso o diabo se apropria desse desvio do alvo, e se vale disso para formar o seu exército de seguidores.

O pecado da humanidade se dá após a interferência do diabo no Éden, com a indução ao pecado de Adão e Eva, segundo os preceitos bíblicos,

E Deus disse: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste tu da árvore de que te ordenei que não comesses? Então disse Adão: A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e comi. E disse o Senhor Deus à mulher: Por que fizeste isto? E disse a mulher: A serpente me enganou, e eu comi. (GÊNESES 3:11-13)

O pecado acima mencionado acontece quando Eva cede à tentação de experimentar do fruto da árvore, a qual Deus havia dito para não comerem, tanto ela como Adão não deveriam comer, assim sendo aqui ocorre o pecado como um ato pessoal de Adão, pois o mesmo preferiu obedecer ao seu "eu", conforme CABRAL, (2013, P. 313), "Uma vez que o homem preferiu obedecer ao seu "eu", pervertendo sua própria vontade, também, tornou-se responsável pelas consequências de sua transgressão", desse modo podemos considerar que o pecado, nesse caso, deixa de ser inerente ao sujeito, e passa a ser externo a ele, ou seja, está fora dele e o atrai, sendo

este, agora denominado pecado original, devido ao pecado outrora herdado de Adão e Eva.

O pecado original de acordo com os preceitos cristãos, ocorre por meio do nascimento, e devido ao pecado de Adão e Eva, transformando as gerações futuras em seus “herdeiros”, herdeiros de seu pecado, conforme aponta no Salmos (51.5), “Toda criatura humana é culpada em Adão e conseqüentemente tem sua natureza corrompida desde o nascimento”.

Portanto, a humanidade ao tornar-se “herdeira” do pecado de Adão e Eva, já traz consigo culpa de tal pecado, sem tê-lo praticado, o que diverge com o pecado da humanidade no conto *A Igreja do Diabo*, pois o pecado da humanidade no conto não se dá por meio da hereditariedade, e sim por meio da vontade individual, ou seja, por meio do livre arbítrio, dos partícipes da doutrina proposta pelo diabo, no conto.

A humanidade peca ao aceitar as propostas do diabo, com efeito, na sua aceitação o pecado se materializa no texto machadiano. Diferentemente do texto bíblico, ele não mais se apresenta como uma serpente, e sim, como um beneditino reconhecido pela boa fama, de acordo com a sua aparência, conforme verifica-se no trecho abaixo:

O Diabo não perdeu um minuto. Deu-se pressa em enfiar a cogula beneditina, como hábito de boa fama, e entrou a espalhar uma doutrina nova e extraordinária, com uma voz que reboava nas entranhas do século. (ASSIS, 1884, P.6)

A humanidade é facilmente iludida pela “imagem” e pela “voz que reboava” posta pelo diabo, no conto, ao se apresentar vestido com uma cogula beneditina o que impunha respeito, e mesmo sendo o diabo que tudo nega, é aceito por parte da humanidade, que não se propõe em momento algum a duvidar das verdadeiras intenções dele. Definição de Cogula beneditina, como aponta o dicionário Ferreira (2011):

Significa:1. Túnica larga, ger. com capuz, us. por monges de certas ordens monásticas: [F.: Do lat. tardio *cuculla* 'capa com capucho'.] s. f. túnica de mangas largas e compridas e capuz de que usavam os membros de algumas ordens monásticas.

Em seguida, há uma espécie de oferta, atrativa, para angariar seguidores fiéis, com a promessa, de delícias, glórias e deleites, a humanidade não perde tempo em se deixar seduzir por vantagens obtidas sem esforços, quando a proposta

é feita no conto, não há nenhum tipo de resolução por parte da humanidade, sendo esta facilmente enganada ou que se permitia enganar, sem questionamentos, sem maiores preocupações do que tal atitude poderia causar a outrem, conforme citação, ASSIS (188, P.6), “Ele prometia aos seus discípulos e fiéis as delícias da terra, todas as glórias, os deleites mais íntimos”.

O diabo, no conto, faz falsas promessas, para convencer e atrair seus discípulos, usa de argumentos que despertam no seu ouvinte o desejo de obter as melhores coisas da terra, glórias e deleites íntimos, e ainda oferece tudo de modo insistente, pois fala várias vezes a palavra tudo, ASSIS (1884, P. 7), “... e eu vos darei tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo...”, a ideia era a de persuadir, e obteve sucesso uma vez que consegue seguidores para a sua doutrina de subversão das virtudes e a negação delas, assim como em ASSIS (1884, P.7), “Clamava ele que as virtudes aceitas deviam ser substituídas por outras, que eram, os naturais e legítimas”.

As virtudes aceitas são substituídas por “pecados”, no caso ele, o diabo, trata dos sete pecados capitais, que vão de encontro com o senso comum do que se entende, eticamente, por correto e de boa fama, segundo os ensinamentos bíblicos, os pecados capitais, são apresentados e “configurados” como naturais e legítimos, como se estes já fizessem parte do homem, em contraposição ao que rege a doutrina cristã. AQUINIO, (2001, P. 1258), “E por isso é necessário que a virtude de um ser seja ordenada para o bem. Logo, a virtude humana, que é um hábito imperativo, é um hábito bom e operativo do bem.

As virtudes são atos imperativos que implica uma ordem, a qual é direcionada para o bem, ou para atos bons, e a prática destes devem ser adotados numa sequência constante, tornando-os em uma sequência de hábitos, em convergência com a prática desses atos bons temos a seguinte proposta de “virtudes”:

A soberba, a luxúria, a preguiça foi reabilitada, e assim também a avareza, que declarou não ser mais do que a mãe da economia, com a diferença que a mãe era robusta, e a filha uma esgalgada. A ira tinha a melhor defesa na existência de Homero; sem o furor de Aquiles, não haveria a *Ilíada*: "Musa, canta a cólera de Aquiles, filho de Peleu"... O mesmo disse da gula, que produziu as melhores páginas de Rabelais, e muitos bons versos do *Hissope*; virtude tão superior, que ninguém se lembra das batalhas de

Luculo, mas das suas ceias; foi a gula que realmente o fez imortal. Mas, ainda pondo de lado essas razões de ordem literária ou histórica, para só mostrar o valor intrínseco daquela virtude, quem negaria que era muito melhor sentir na boca e no ventre os bons manjares, em grande cópia, do que os maus bocados, ou a saliva do jejum? Pela sua parte o Diabo prometia substituir a vinha do Senhor, expressão metafórica, pela vinha do Diabo, locução direta e verdadeira, pois não faltaria nunca aos seus com o fruto das mais belas cepas do mundo. Quanto à inveja, pregou friamente que era a virtude principal, origem de prosperidades infinitas; virtude preciosa, que chegava a suprir todas as outras, e ao próprio talento. (ASSIS, 1884, p. 7).

A humanidade se deixa corromper pelo diabo, no conto, este faz com que ela assuma suas “virtudes”, ou verdadeiros instintos, pois a justificativa para a mudança de hábitos bons, seria de que para cada ato “pecaminoso”, teria uma consequência favorável à humanidade, de modo que cada pecado capital era justificado como “virtudes naturais” e legítimas do homem, como por exemplo, a avareza que era, segundo ele, a mãe da economia, sendo esta “robusta e a filha esgaldada”. (ASSIS, 1884, P. 7)

Além disso, ASSIS (1884, P. 7) coloca a ira como uma defesa para a existência da Ilíada de Homero e que “sem o furor de Aquiles não haveria a Ilíada” (ASSIS, 1884), e fala de igual modo a respeito da gula, fazendo menção à obra de Rebelais (1532), a respeito da personagem Pantagruel, “Um grande boa-vida, alegre e glutão, destacava-se desde a infância por sua força descomunal - superada apenas por seu apetite”, e aos grandes banquetes de Luculo, como se por causa de tais banquetes tenha se tornado imortal e não por causa das suas grandes batalhas. O que nos mostra o quanto a gula foi importante para as vitórias de suas batalhas, induzindo ao ato de comer desmedidamente, para se alcançar a imortalidade.

Em seguida, ASSIS, (1884, P. 7), coloca: “O Diabo incutia-lhes, a grandes golpes de eloquência, toda a nova ordem de coisas, trocando a noção delas, fazendo amar as perversas e detestar as sãs.

Fazendo uso da seguinte frase “O verdadeiro tem que parecer falso e o falso, verdadeiro. ” (SCHOPENHAUER, 1997, P. 97), verificamos que o diabo com o seu poder de persuasão tinha essa intenção, a de tornar amáveis as coisas perversas enquanto que as sãs deveriam ser detestadas, numa forma de negar tudo o que era correto, do ponto de vista cristão. No que se refere as questões de

valores e convenções sociais, surge tema para uma longa discussão. A respeito da venalidade, Assis (1884), faz a seguinte colocação:

A venalidade, disse o Diabo, era o exercício de um direito superior a todos os direitos. Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, coisas que são tuas por uma razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, coisas que são mais do que tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mesmo? (ASSIS, 1884, P. 7)

Neste sentido, a venalidade é percebida como pecado que demanda grande autonomia humana e sobretudo, por parte da nova doutrina do diabo, na qual é vista como um poder superior a qualquer direito, sem a necessária justificativa, bastava apenas assumir o seu direito legal de fazê-lo, única e exclusivamente como bem lhe conviesse.

Em consonância com tal definição, acima mencionada, o diabo pretende em seu discurso persuasivo fazer com que os seus seguidores tenham autonomia para vender não apenas o que lhes pertencia externamente, seus pertences, como também o que lhes pertencia internamente, as suas “almas”, a integridade moral, os seus valores, etc.

Nessa perspectiva, Assis (1884) complementa:

Negá-lo é cair no absurdo e no contraditório. Pois não há mulheres que vendem os cabelos? Não pode um homem vender uma parte do seu sangue para transfundi-lo a outro homem anêmico? E o sangue e os cabelos, partes físicas, terão um privilégio que se nega ao caráter, à porção moral do homem? Demonstrando assim o princípio, o Diabo não se demorou em expor as vantagens de ordem temporal ou pecuniária; depois, mostrou ainda que, à vista do preconceito social, conviria dissimular o exercício de um direito tão legítimo, o que era exercer ao mesmo tempo a venalidade e a hipocrisia, isto é, merecer duplicadamente. (ASSIS, 1884- 1997, P. 7)

A venalidade é considerada um mau hábito e não uma virtude, uma vez que é uma característica do comportamento humano associado à suscetibilidade de ser subornável ou de vender seus serviços ou de poder, especialmente, agir com justiça. Ela é mais considerada como um mau hábito e não uma virtude. Em sua forma mais perceptível, a atos de não admiração por parte de quem os vê e os reconhece, tal comportamento é evidenciado porque corrompe as pessoas levando-as a mentir e a roubar a seu bel-prazer, e está relacionada com a falta de caráter,

entre outros maus atos. Ao tentarmos amenizar o sentido da venalidade, em detrimento aos cargos de relevância social, administrativos e políticos, temos uma maior preocupação, pois isso demanda uma desestruturação em grandes setores da sociedade, o que nos faz repensar como devemos coibir as ações dessas pessoas de atos reprováveis, e/ou impedir que venham a ocupar tais cargos. Nestes cargos é de suma importância se agir com coerência e honestidade, e não aceitar subornos. Desta feita temos a suposta impressão de segurança, mas não há nada que possa nos garantir que será uma conduta idônea por todo o tempo, uma vez que a humanidade é falha e cheia de dúvidas, ora se quer uma coisa, ora quer outra, mas devemos considerar o que mais se faz, por maior parte do tempo, se são bons hábitos ou o contrário deles, para termos a impressão de garantia que a instituição, a qual está sendo avaliada seja minimamente confiável.

3.3 O pecado da narrativa

No que se propõe à narrativa machadiana, temos por base, um manuscrito beneditino, portanto, ao lermos tal informação somos levados a crer, que o mesmo será manual com orientações religiosas e uma doutrina direcionada aos cristãos, no qual seriam abordados os ensinamentos da doutrina cristã pura e sem máculas. Em *A Igreja do Diabo* temos uma inversão, pois se trata da nova doutrina, criada pelo diabo, o que vai de encontro com o esperado de tal escrita. Em consonância com tal entendimento vide o artigo de SILVA (2009):

Diante do enredo e da temática do conto, à primeira vista, parece que se trata de uma crítica à religião e à maneira como as instituições religiosas se valem da fé para venderem uma ideologia e manipularem a vida humana. O fato de, mesmo na igreja do diabo, em que o pecado é a regra, o homem não se encontrar satisfeito e, por isso, retornar às práticas anteriores mostra-nos, de certa forma, o conflito do ser humano por não aceitar um mundo mecanicista regido por um Deus - ou um diabo - que tudo controla, e no qual a individualidade humana é nula. Haverá sempre uma insatisfação, um desejo de libertar-se dos sistemas de regras que objetivam limitar e manipular o livre arbítrio. (SILVA, 2017, P. 209)

Machado de Assis nos leva a ler em um manuscrito com a nova doutrina do diabo, e com isso surge o primeiro pecado da narrativa, ou seja, autor direciona o leitor a ler o manuscrito com a nova doutrina, por ser uma informação que destoa da expectativa do leitor, à medida que pode entender num

primeiro momento que passará a ler algo direcionado aos cristãos, mas na verdade irá se deparar com uma “ideia mirífica”, (ASSIS, 1884, P. 1), ideia do diabo, no conto, de fundar uma igreja. Machado, a partir dessa ideia expande uma narrativa voltada para os feitos do diabo em relação a essa proposição de fundação religiosa.

No conto *A igreja do Diabo*, apresenta a referida ideia do diabo, a de criar uma igreja, pois se percebeu descuidado e sem uma doutrina própria a ser seguida, e toma por base todas as prédicas cristãs, e funda a sua igreja com o intuito de negar tudo, inclusive as demais religiões, a partir da conquista de seus seguidores, corroborando com ideia de negar também o tipo de texto proposto no início do conto.

O capítulo dois apresenta o que seria um diálogo entre Deus e o diabo, no qual ocorre a seguinte fala, feita pelo diabo:

[...] - só agora concluí uma observação, começada desde alguns séculos, e é que as virtudes, filhas do céu, são em grande número comparáveis a rainhas, cujo manto de veludo rematasse em franjas de algodão. Ora, eu proponho-me a puxá-las por essa franja, e trazê-las todas para minha igreja; atrás delas virão as de seda pura... (ASSIS, 1884, p. 5)

O texto traz uma metáfora das virtudes do céu, em oposição às do diabo, são reveladas algumas, pois no conto está escrito: “...são em grande número comparáveis a rainhas...”, o que nos faz entender que não são todas comparadas, mas uma maioria delas, comparam-se a rainhas, que têm manto de veludo e são arrematadas ou finalizadas em franjas de algodão. O que nos chama a atenção aqui é o fato de a narrativa ser intrigante no modo de tratar das virtudes e nos faz pensar nesse jogo de palavras através dessas metáforas, e as cita de uma forma dualista entre bem e mal e entre as virtudes divinas e as do diabo, de franjas de algodão e franjas de seda. Em consonância com o artigo de Silva (2017)

O diabo ampara-se no argumento de que “as virtudes, filhas do céu, são em grande número comparáveis a rainhas, cujo manto de veludo rematasse em franjas de algodão” (p. 370). Ou seja, ao lado das belas e puras virtudes, representadas pelo “manto de veludo”, emergem, no tempo e no espaço, fortes e imaculados pecados, manifestados pelas “franjas de algodão”. É a partir dessa ideia central que se fundará a igreja, a qual objetivará desmascarar o que se tinha por bom e recriar as virtudes invertendo-lhes o sentido. (SILVA, 2017, P. 209).

Compreendemos que os sentidos dados às franjas são um tanto subjetivos, não há uma única definição o que verificamos a respeito das franjas é que elas são mencionadas no texto por no mínimo sete vezes, porém, são postas de três formas diferentes: a) como definição das virtudes junto ao manto de veludo; b) como franjas simplesmente sem mais; c) como arremate das capas de algodão e franjas de seda.

No primeiro momento em que são citadas as franjas vêm após manto de veludo e em seguida seriam arrematadas como franjas de algodão: 1) “...as virtudes, filhas do céu, são em grande número comparáveis a rainhas, cujo manto de veludo rematasse em franjas de algodão.” (ASSIS, 1884, P. 5), assim esse manto de veludo se refere às virtudes mais belas e honrosas dignas de glórias como uma rainha, no entanto, as mesmas virtudes são arrematadas por franjas de algodão que nesse contexto parece-nos mais insignificantes de certo modo, não tão belas nem tão honrosas como as primeiras, logo, mais simplórias e que estariam assim abaixo das de veludo;

Na segunda aparece apenas a palavra franjas de algodão, a respeito do sacrifício do Fausto, 2) “Onde achas aí a franja de algodão?”, (ASSIS, 1884, P. 6), nesse trecho as franjas são compreendidas como uma atitude desinteressada do Fausto, uma vez que no conto, Deus fala sobre a atitude nobre do Fausto após salvar um casal de noivos após dar a sua tábua de salvação, e não havia ninguém, “nenhum público”, e na sequência Deus questiona o diabo, com a referida frase: “onde achas aí a franja de algodão?”.

Na terceira ocorrência, aparece as palavras virtudes e franjas aparecem respectivamente, sem mencionar o manto, 3) “... chama todas as virtudes, recolhe todas as franjas, convoca todos os homens...” (ASSIS, 1884, P. 6); verifica-se nesse caso que ocorre apenas ato de recolher todas as virtudes, as franjas são também um tipo de virtudes.

Na quarta recorrência sobre as franjas, aparece no título do capítulo IV: 4) “Franjas e franjas” (ASSIS, 1884, P. 9), sugerindo que há realmente mais de um tipo de franjas, que além de virtudes, essa palavra, pode se tratar de posturas e posturas, atitudes diversas que se podem verificar na humanidade propostas nesse jogo de insinuações do autor para provocar o leitor, numa tentativa de decifrar o enigma das franjas, transformando esse processo investigativo, no que se refere ao sentido das franjas em algo que conota uma relação de comportamentos diversos.

Na quinta e sexta ocorrências das franjas, consta no início do primeiro parágrafo do capítulo IV, outra vez, a palavra franja com o acréscimo do termo “capa de veludo”, vide citação:

A previsão do Diabo verificou-se. Todas as virtudes cuja capa de veludo acabava em franja de algodão, uma vez puxadas pela franja, deitavam a capa às urtigas e vinham alistar-se na igreja nova. Atrás foram chegando as outras, e o tempo abençoou a instituição. A igreja fundara-se; a doutrina propagava-se; não havia uma região do globo que não a conhecesse, uma língua que não a traduzisse, uma raça que não a amasse. O Diabo alçou brados de triunfo. (ASSIS, 1884, P.9).

Nesse caso as virtudes com capas de veludo representam pessoas de boa conduta, que acabavam se transformando em pessoas reprováveis, nesse contexto, levadas ao “pecado”, tornando-se assim em “franjas de algodão”, e uma vez puxadas ou atraídas pela franja (pecado), deixavam de lado suas boas ações e praticavam a doutrina do diabo, juntando-se a ele em sua igreja. E, por fim, ASSIS (1884, P. 10) cita: “- Que queres tu, meu pobre Diabo? As capas de algodão têm agora franjas de seda, como as de veludo tiveram franjas de algodão. Que queres tu? É a eterna contradição humana. (ASSIS, 1884, P.10).

Na sétima ocorrência aparece agora o termo “capas de algodão”, e não mais “franjas de algodão”, o que nos dá a prerrogativa de haver uma mudança de comportamento, uma inovação ou uma possível evolução, como se as capa de algodão fossem mais que franjas de algodão, as franjas agora eram de seda, e não mais franjas de algodão, de modo que haveria então uma outra mudança significativa de comportamento, ainda que pecaminoso, mas com graus de evolução, ou seja, as capas de algodão - como um segundo nível de evolução do pecado da humanidade, não claramente revelado - que antes eram, franjas de algodão, sendo este o primeiro nível do pecado, agora passaram a ser franjas de seda, terceiro nível do pecado, o que nos remete à gradação crescente dos pecados. Assim sendo, a narrativa machadiana, demonstra uma subjetividade peculiar, repleta de hipóteses para definir o significado exato das franjas. E ainda revela um tom cético, na sua forma de apresentar o desfecho, em convergência com tal constatação SILVA afirma:

Esse modo, por vezes cético e pessimista, de examinar a realidade é uma atitude intelectual do autor, um modo de encarar a vida, uma insistente preocupação em ridicularizar os sistemas filosóficos, de satirizar a cega confiança dos autores nas próprias filosofias, e de modo geral, a confiança na ciência, nas instituições e na razão humana. Portanto, não se esgota como uma mera opinião, mas sim como um questionamento radical dos fatos e das verdades refletidos no fazer literário do autor. (SILVA, 2017, P. 213)

Desse modo o fazer literário do autor, remete a um ato de “pecado”, por não vislumbrar o que há de bom nos personagens, falta ao autor um olhar mais humano, mas a sua trajetória marcada pelo Realismo pode ajudar no entendimento de tais

escolhas, a busca da revelação das ironias do dia a dia, nas atitudes hipócritas da sociedade refletida na conduta dos seus personagens. O pessimismo é evidenciado na obra em relação à humanidade, que não age de forma condizente com o que é dito, ensinado, nem com a realidade de seus atos. O pessimismo no conto é evidenciado por não abordar uma possibilidade sequer de solução para essa humanidade, no conto, que se corrompe a todo o momento sem aos menos demonstrar arrependimento, ela muda de atitudes, não por arrepender-se, mas por não conseguir manter uma postura de regularidade nas suas escolhas, e ou nas suas atitudes. Enfim, não é apresentado, no conto, uma “salvação” para a humanidade e nem tão pouco para o diabo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto “A igreja do Diabo” (1884), nos remete à esfera religiosa e leva-nos a refletir questões presentes no nosso cotidiano, como por exemplo, as atitudes de fazer o que nos satisfaz, o que nos convém, ou fazermos coisas pautadas nos ensinamentos de doutrinas religiosas, fazendo-nos, portanto, sujeitos de uma convenção que, por vezes, faz-se o que dita as convenções e, por vezes, o que nos apraz, essa inquietação de fazer ora uma coisa, ora outra, demonstra que não se fixa uma atitude definitiva no ser humano, havendo sempre uma possibilidade de desvio de caminho e ou mudança de hábitos.

O conto faz uma trajetória a respeito do comportamento do diabo e de como ele reage ao se perceber “negligente” com o seu modo de agir diante de seus seguidores e isso o leva a criar uma nova igreja, e sente-se vitorioso por ter atingido mais seguidores para a sua nova forma de combater as demais religiões, mas ao final ele se frustra, uma vez que ele achava que seria muito mais fácil fazer a humanidade desobedecer as “regras do bem”, e fazer o que ele queria, mas na verdade a humanidade não se contenta com as regras da doutrina do diabo e voltam a fazer as obras divinas, às escondidas. O diabo percebe isso e não aceita, enquanto que Deus mesmo sabendo das falhas da humanidade, aceita-as e usa de um tom piedoso em relação ao diabo quando fala: “- O que queres tu meu pobre diabo?” (ASSIS, 1884, P. 7) e em relação a humanidade fala num tom conformado, dizendo: “É a eterna contradição humana”.

No que compete ao fazer do autor (Machado de Assis), não podemos deixar de mencionar a sua forma cética de apresentar seus textos com uma certa descrença também no ser humano, pois, na maioria dos seus textos, os personagens têm sua conduta analisada racionalmente, e o resultado dessa análise nem sempre é o esperado e ou o que agradaria ao leitor, mas o autor não busca agradar o seu leitor, ele normalmente expõe a humanidade, no conto, através de seus personagens, retratando assim os vícios e “pecados” da sociedade como um todo.

Na análise do conto, pretendeu-se verificar as atitudes entendidas como “pecado”, ou com o que vai de encontro aos preceitos religiosos cristãos, para que pudéssemos perceber as ocorrências dessas atitudes que perpassam pelo

personagem do diabo, no conto, pelas contradições da humanidade, e ainda pelos parâmetros da narrativa como um todo, incluindo a percepção do fazer do autor.

O nosso estudo inc para a entiva à reflexão e leitura analítica do texto de Machado de Assis, e com o que podemos extrair destes, para a nossa formação enquanto ser social, pois os mesmos têm em sua essência algo a nos ensinar, por serem tão ricos e repletos de questionamentos pertinentes, e traduzem o que marcou na sociedade de sua época e que nos revela o comportamento de hoje ainda muito semelhantes.

Machado de Assis, desperta algo inquietante até os dias de hoje por ser um autor à frente do seu tempo, que mesmo depois de séculos de sua morte, seus textos permanecem atemporais. Há muitas outras possibilidades de leitura e pontos de vista. O leitor pode interpretar de diversas maneiras suas narrativas críticas mas nada é estático, há sempre algo novo a ser percebido a cada releitura, portanto, que essa “sede” por essas novas possibilidades possam permanecer vivas em leitores de todas as épocas, e que novos estudos possam dar continuidade ao que iniciamos aqui.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Santo Tomás de. Suma teológica – I Seção da Parte II – Questões 49-114. São Paulo: Loyola, 2005. vol. IV, 938 p. _____. **Sobre o ensino e Os sete pecados capitais**. Sel., trad. e introd. de Luiz Jean Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 147 p.

ASSIS, Machado de. A Igreja do Diabo IN de História sem data IN **Seus trintas melhores contos**. 10ª reimpressão da primeira edição. Rio de Janeiro: editora nova fronteira, s/d. p. 139-146. ?

_____. **Volume de contos**. Rio de Janeiro: Garnier, 1884. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000194.pdf>> Acesso em: 11 de abril 2018.

_____. Joaquim Maria. **A Igreja do Diabo**. In: Histórias sem data. Rio de Janeiro: Globo, 1997. (Obras Completas). Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=-pfxBwAAQBAJ>> Acesso em: 11 de abril 2018.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BERKHOF, L. **Teologia Sistemática**. Grand Rapids, Michigan, 1949. Disponível em: < <http://www.iglesiareformada.com/BerkhofTeologiaSistemática.pdf>> Acesso em: 11 de abril 2018.

CABRAL, Elienai. **Hamartiologia: a doutrina do pecado**. In: GILBERTO, Antonio (Ed.) Teologia sistemática pentecostal.2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

ECO, Umberto. **O Nome da Rosa**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1983.

FERRAZ, Selma. **Linguagens Revista de Letras, Artes e Comunicação**. ISSN 1981-9943, Blumenau, v.4, n. 1, p. 02- 26, jan./mar. 2010). Disponível em: <proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/download/2089/1396> Acesso em: 11 de abril 2018.

FERREIRA, Ferreira Buarque de Holanda. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 6. ed. Curitiba: Positivo, 2011. 2222m p. ISBN 978-85-385-4198-1. Disponível em: <https://contas.tcu.gov.br/dicionário/home.aspx> Acesso em: 11 de abril 2018.

GOETHE, J. W. **Fausto**. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

GÓES P.; O Problema Do Riso Em O Nome Da Rosa, De Umberto Eco; **Rev. Filos.**, Aurora, Curitiba, v. 21, n. 28, p. 213-240, jan./jun. 2009. Disponível <https://periodicos.pucpr.br/index.php/aurora/article/view/1225>. Acesso em 21 de setemb. de 2018.

HEISE, Eloá. A lenda do Dr. Fausto em relação dialética com a utopia. **A literatura da virada do século**: fim das utopias, Humanitas/FAPESP, FFLCH/USP, 2001.

HARRIS, R. Laird , ARCHER JR, GLEASON L., Waltke Bruce K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Trad. Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto Teixeira Sayão e Carlos Osvaldo Pinto. São Paulo: Vida Nova,1998.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

MARCUSCHI. Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, Angela Paiva, et al. Gêneros Textuais e Ensino. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2003.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SCHOPENHAUER, A. **Como vencer um debate sem precisar ter razão**: em 38 estratégias. Rio de Janeiro: Topbooks editora, 1997.

< <http://vestibular.uol.com.br/resumos-de-livros/o-nome-da-rosa.htm> >_Acesso em 11 de Abril de 2016 às 20:50h.

<<https://pastorsergiolourenco.blogspot.com/2015/12/uma-analise-de-jo-16-e-joao-313-pastor.html> acesso em 13/09/2018> Acesso em 13 de setembro de 2018 às 17:00h.